

Três Medeias contemporâneas

“*Jogging* é um ‘texto bastardo’ cuja apresentação nas salas de espectáculos convencionais a censura do meu país não autorizaria, devido aos temas que levanta: fala, entre outras coisas, de mulheres que mataram os próprios filhos”. As palavras são de Hanane Hājj Ali, que escreveu e interpreta este texto invocativo da Medeia de Eurípidés, mas não só. Fala igualmente de algumas Medeias nossas contemporâneas, e da luta contra o patriarcado no mundo árabe, e de uma cidade — Beirute —, assolada constantemente pela destruição e pela corrupção. Após a sua estreia, em 2016, *Jogging* fez digressão pelos subúrbios da capital libanesa, passando ao largo dos teatros convencionais. Depois subiu à cena em campos de refugiados, e em várias aldeias de Norte a Sul do país. Depois, o estrangeiro (mais de 15 países) e os festivais de referência mundial — Singapura, Edimburgo, Avignon. Uma brecha na lei da censura liba-

nesa, que determina que os textos impressos não têm de ser aprovados previamente (mas o teatro sim), fez com que este espectáculo fosse apresentado no Líbano como se não fosse um espectáculo: o público não paga bilhete à entrada, mas pode adquirir o texto à saída, se quiser. “O teatro nunca morre”, afirma Hanane (que em árabe significa ‘ternura’), “porque se infiltra nos poros das cidades destruídas e ganha novas formas: fica latente, e depois brota, jorrando como de uma fonte, tal qual a liberdade e a justiça”.

Hanane Ali teve a ideia para esta criação em 2012, durante as suas sessões de *jogging* pré-matinais. Corria, também, contra a censura, porque “o *jogging* é como o teatro: permite-nos pensar livremente, sonhar e resistir”. Nessa altura a criadora vivia obcecada pela figura de Medeia: “Como é que uma mulher pode assassinar os próprios filhos? Não pode, claro”. Até que um dia é diagnosticado um cancro ao seu filho mais novo, de



© Marwan Tahhan

sete anos. As dores são lancinantes e o sofrimento insuportável. Hanane teve então um sonho: que o asfixiava, para o salvar. Despertou, sobressaltada. Mas esse sonho não mais a largou durante as suas corridas por Beirute, com a cidade ainda meio adormecida. A esse pesadelo juntar-se-ia ainda a Medeia de Heiner Müller, e outras duas, libanesas e suas contempo-

râneas, cujas tragédias lhe surgiram relatadas nos jornais. Estava concebido um espectáculo “brutal, sombrio e notavelmente interpretado” (*I/O*, França); “gloriosamente imprevisível e empolgante” (*The Skinny*, Escócia); “com um ritmo soberbo e uma interpretação corajosa” (*Arts Equator*, Singapura); “engraçado, irónico, mas também cruel” (*American Theatre*, EUA).

O que pode trazer o vento

As primeiras frases de *Ventos do apocalipse* preparam-nos, como se estivéssemos sentados à volta de uma fogueira, para uma noite de estórias. E é esse vento que insufla o fio narrativo desenhado pelo Teatro Griot para esta adaptação do romance de Paulina Chiziane. Das quinze personagens do livro foram extraídas quatro, que mudaram de nome. Josué e Gomito, Laura e Joana estão na estrada, fogem da Guerra. Procuram uma nova cidade, um bem-estar, uma nova terra. Um lugar de pertença.

Noé João, que escreveu e encenou este espectáculo, procurou que houvesse, como sempre nos trabalhos do Teatro Griot, um espaço para o subtexto, para assim deixar fluir a imaginação do espectador, sem estar atado ao quadro histórico da Guerra Civil de Moçambique: “O trabalho que a nossa companhia desenvolve surge sempre da tensão entre o corpo e o território, entre memória colectiva e memória individual, entre o imaginário colectivo e o imaginário individual. Os temas que aqui abordamos são universais e intemporais.

Por isso cada cena, cada momento, vivido e contado por estes seres desencarnados, quase etéreos, leva-nos para um lugar de memória, seja ela de guerra, sofrimento ou humilhação. É dessa forma que pretendo colocar à reflexão estes temas, que para muitos são um lugar de catarse, em que a fuga e os desvios são uma constante; para outros, trata-se de um lugar de visita e luta permanente, para que não se repitam tais actos, na contemporaneidade, ou se perceba quais os resultados desses ventos que trazem o apocalipse”.



© Sofia Berberan

“Aqui vai ser incrível”

A assertividade e o entusiasmo de Joana Craveiro, expressados na tarde em que a parafernália técnica de *Aquilo que ouvíamos* tomava conta do Palco Grande, é natural. O espectáculo estreado na discoteca Lux, durante a pandemia, foi bastante condicionado. Todas as sessões

tiveram lotações reduzidas pela metade, e essas pessoas, infelizmente, recorda Joana Craveiro, “estavam de máscara e nem podiam dançar”. Em Almada serão mais de seiscentas que só não dançarão se não quiserem. “É um concerto para Almada. Quem conhece o trabalho do Teatro do

Vestido sabe que o local onde nos instalamos deixa de ser neutro mal chegamos”.

Quatro actores e uma banda tocam em palco temas *punk*, *pós-punk* e *new wave*, e manipulam objectos guardados há quase quarenta anos: “Não é um espectáculo nostálgico. É a memória de um tempo, o da materialidade da música, trazida para o ‘aqui e agora’, para que se aproveite no ‘hoje’. É original, mas inscreve-se no nosso

método de trabalho. Estamos muito contentes e expectantes com a nova vida deste projecto, renascido, ainda por cima, aqui em Almada, onde a cultura musical alternativa sempre foi tão importante”.

E no rescaldo de *Aquilo que ouvíamos* Joana Craveiro estará amanhã na esplanada da Escola D. António da Costa para falar com o público do Festival, às 18h00, numa conversa moderada por Rui Pina Coelho.

No tempo da ‘ofendidite’

Uma nova palavra nasceu ontem durante o colóquio com Ramon Fontserè, o autor e encenador de *Valha-nos Aristófanos*: a ‘ofendidite’. Os temas abordados pela peça — em especial a chamada ‘cultura de cancelamento’, que se procura impor em nome de um pensamento ‘politicamente correcto’; o papel dos professores na formação de cidadãos; a pulverizada sociedade contemporânea das redes sociais; o coro dos ofendidos; o papel do humor e da sátira no meio disto tudo — dominaram a conversa ontem à tarde.

A dada altura Fontserè recorreu a uma fala do *Hamlet*: “Cuida bem dos cómicos. Eles são a breve crónica do tempo”. Esta frase



© Patrícia Martins / Rui Mateus

bem podia definir os Els Joglars, exímios provocadores há mais de sessenta anos. O debate foi vivo, transgeracional, com visões diferentes, elogiosas, mas também críticas sobre a forma como o grupo levantou a poeira do tempo presente: “O humor põe-nos sempre em contacto com a verdade, tal como as touradas”, lembrou o criador catalão. Durante uma hora deu-se um diálogo franco, enriquecedor e civilizado, durante o qual todas as opiniões tiveram lugar.

“Calculado milimetricamente”

Foi esta a expressão utilizada por Rui Godinho, antigo vice-presidente da Câmara Municipal de Lisboa, ao adquirir as duas últimas assinaturas disponíveis para o Festival deste ano. Godinho e a sua esposa “não poderiam faltar” a esta edição: “Ainda por cima o homenageado é o João Mota”. É que há 60 anos, em Ferreira do Zêzere, ao pé de Tomar, no Grupo Cénico da Igreja de Fátima, este espectador teve oportunidade de fazer teatro com o homenageado deste ano. “Era um grupo sazonal, que só existia por dois meses durante as férias”. Para quem já não conseguiu adquirir uma Assinatura para o Festival, informamos que



ainda há bilhetes disponíveis para os seguintes espectáculos: *Calvário* (dias 15 e 16); *Eins Zwei Drei* (dia 10); *Eu sou a minha própria mulher* (dia 7); *La enciclopèdia del dolor* (dias 15, 16 e 17); *Ventos do apocalipse* (dia 9); *Jogging* (dia 9, às 21h30); e *A equipa* (dia 15, às 21h30).

TEATROLOGIA

O galinheiro

Os franceses chamam-lhe *paradis* [‘paraíso’], a esses míticos últimos balcões, bem perto do tecto dos teatros burgueses, ou ‘à italiana’. O nome derivaria do facto de a maioria dos teatros, a partir do século XIX, serem decorados no *plafond* com cenas míticas e alegóricas da vida dos deuses, ou alusivas às musas da arte dramática. Mas o nome mais popular para esse espaço donde mal se vê o palco — longe da vista mas perto do coração — é *galinheiro*. Era para aí que se vendiam os bilhetes mais baratos, destinados às classes populares, que os ocupavam carregados de todo o tipo de pertences, inclusive galinhas. O acesso fazia-se — e ainda se faz hoje em dia, na maioria dos teatros do West End — por uma porta lateral, para que o povo não se misturasse, no intervalo, com a burguesia.

Mas o galinheiro tornou-se um lugar mítico, por alojar um tipo de público verdadeiramente amador do teatro. Nos teatros de ópera, é lá que se senta o público mais exigente, que não falha uma récita — que paga os seus próprios bilhetes. Era também a partir do galinheiro que os revolucionários de várias causas lançavam os seus panfletos. Nas óperas, o pior que pode acontecer a quem está no palco é enfrentar um galinheiro em fúria, na hora dos agradecimentos.

Rui Lagartinho

AGENDA DE AMANHÃ

18:00 | Colóquio
Joana Craveiro
Escola D. António da Costa

20:00 | Música
Cremilda Medina
Escola D. António da Costa

21:30 | Teatro
Eu sou a minha própria mulher
Fórum Romeu Correia

21:30 | Teatro
Ventos do apocalipse
Academia Almadense

21:30 | Teatro
Calvário
Teatro Municipal Joaquim Benite

21:30 | Teatro
Jogging
Incrível Almadense

RESTAURANTE DA ESPLANADA

HOJE
Coelho c/ mostarda e abóbora
Pescada c/ molho de tomate
Tagliatelle c/ tomate

AMANHÃ
Frango crocante c/ salada de repolho
Pescada gratinada
Feijoada de abóbora e batata doce

APP
FESTIVAL
DE ALMADA

